

CRISE E DOMINAÇÃO ECONÔMICA: A LEGITIMAÇÃO DE UM NOVO MODELO CULTURAL

Yuri Dayananda Medeiros¹

RESUMO EXPANDIDO

A crise econômica que se iniciou em 2007-2008 representou muito mais do que um acidente natural do capitalismo ou uma simples falha na administração política, como os economistas e a mídia parecem supor. Na realidade, a crise representou a consolidação de um modelo de dominação financeira que se legitimou no Brasil e no mundo, baseada no exército de lobistas do mercado financeiro, que atuam influenciando as instituições políticas (GRÜN, 2013) e midiáticas (BOURDIEU, 1997) e, nos instrumentos financeiros de alta complexidade que surgiram nas últimas décadas (ABOLAFIA; 2014; GODECHOT, 2005; ZALOOM, 2010), que ultrapassam o controle de indivíduos e organizações (TOURAINÉ, 2011), devido à ausência de fronteiras de circulação do capital (CASTELLS, 2003; HARVEY, 2013) e oferta de crédito ilimitada e “alavancada” (BAUMAN, 2010).

A geração descontrolada de capital fictício (HARVEY, 2013) foi possivelmente o principal embrião da crise 2007-2008, que causou uma quebra em cascata em diversos bancos e instituições de crédito, aliada com um otimismo sem fundamento que se espalhou no mercado financeiro naqueles anos (TOURAINÉ, 2011). Os ideais de “livre mercado” e “livre imprensa”, bandeiras do léxico neoliberal, se encontram naturalizados em nossa sociedade, apesar das evidências que foi o próprio mercado e o descontrole dos Estados sobre ele que causaram a crise econômica.

O problema está no fato que o “livre mercado” de fato se livrou do controle do Estado, e a última crise demonstrou que esta liberdade é utilitária e exclusiva para o lucro dos financistas (CASTELLS, 2013), pois os Estados mundiais, de forma coletiva, dentre eles o Brasil, prestaram socorro de mais de um trilhão de dólares aos bancos e empresas afetadas. A grande ironia no caso brasileiro está no fato que, neste momento em que o país foi aparentemente atingido pela crise econômica

¹ Licenciado em Ciências Sociais (UFPEL/2013); Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPEL; Email: yuridayananda@hotmail.com

mundial, mesmo tendo prestado socorro ao mercado² no governo Lula (TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, 2009), hoje em dia o Estado é quem sofre as críticas sobre a crise, como se esta tivesse sido causada *somente* por ele, enquanto os financistas não prestam contas à sociedade nem sequer são questionados. Ninguém é inocente, mas é preciso considerar a violência simbólica que praticamente obriga ao silêncio aqueles que tentam impor regras ao “livre mercado” e faz com que o Estado atue como se as necessidades do mercado fossem suas (BOURDIEU, 2013; GRÜN, 2011).

Neste íterim, a sociedade se encontra privada do sentido de sua própria situação, em sua maioria, pois instituições como o jornalismo econômico, *que poderiam ser uma ferramenta de libertação dessa dominação simbólica*, ao invés disso, reproduzem a mesma lógica, pois também sofrem a mesma influência, tanto econômica, a partir de seus patrocinadores (CALDAS, 2003; SHUDSON, 2011), como cultural, pois tende a eleger economistas ortodoxos como seus porta-vozes e isentar de crítica aqueles ao qual não há interesse ideológico em criticar.

Neste ponto reside o objetivo desta pesquisa, que busca identificar e *comprovar* as formas com que o jornalismo econômico é neutralizado pelos interesses do mercado financeiro, utilizando como dados empíricos as notícias publicadas na *FOLHA DE SÃO PAULO*, *REVISTA EXAME* e *VALOR ECONÔMICO* sobre a crise de 2007-2008, propondo a seguinte divisão semântica: (T1) “Otimismo pré-crise” (jan/2004-abril/2008), do segundo ano do primeiro governo Lula até o “grau de investimento”. O segundo período, (T2), “Socorro aos mercados” (maio/2008-dez/2010), após este ter declarado crise (carregada do poder simbólico de nomeação), do “grau de investimento” até o término do segundo mandato do Presidente Lula. E, (T3), “Silenciamento” (jan/2011-dez/2014), do início do governo Dilma até o final de seu primeiro mandato, em que a ortodoxia econômica recuperou a autoridade simbólica para apontar as soluções para a crise.

O problema de pesquisa pode ser resumido na seguinte pergunta: *“É possível revelar através das notícias os momentos em que os interesses do jornalismo econômico convergem com os do mercado em (T1), (T2), e (T3), dando o significado “neutro” que reproduz a lógica da dominação financeira”?*

² Na época, o governo Lula injetou 24 bilhões de reais nos bancos brasileiros, além de comprar ações de instituições financeiras e empresas afetadas pela alta do dólar.

A metodologia a ser utilizada é a *análise de conteúdo qualitativa*. Serão analisadas 33 notícias de cada veículo de comunicação, cada uma correspondendo a um quadrimestre do ano, num total de 99 notícias entre os anos de 2004 e 2014. Será utilizado o software N-vivo para ajudar na análise dos dados empíricos. No momento, a pesquisa está em andamento e as notícias estão sendo coletadas. Os resultados temporários serão apresentados no evento. A previsão de defesa da dissertação de mestrado é março/2016.

Palavras-chave: Crise econômica, dominação financeira, jornalismo econômico.

BIBLIOGRAFIA

ABOLAFIA, Mitchel; Market as cultures: an ethnographic approach. In:CALLON, Michel. **The Laws of the Markets**. UK/USA: Blackwell Publishers, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida a crédito: conversas com Citali Roviroso-Madrazo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão. Seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CALDAS, Suely. **Jornalismo Econômico**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

CALLON, Michel. Introduction: the embeddedness of economic markets in economics. In: CALLON, Michel. **The Laws of the Markets**. UK/USA: Blackwell Publishers, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. Volume 1**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **A crise e seus efeitos: as culturas econômicas da mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GODECHOT, Olivier. **Les Traders. Essai de sociologie des marches financiers**. France: Impression réalisée par Bussière à Saint-Amand-Montrond (Cher), 2005.

GOEDE, M.D. **Virtue, Fortune, and Faith: a genealogy of finance**. Minneapolis, MN: Borderlines, 2010.

GRÜN, Roberto. **“A dominação financeira no Brasil contemporâneo”**. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 25, n. 1, pp. 179-213, 2013.

_____. **“Crise Financeira 2.0: Controlar a Narrativa & Controlar a Desfecho”**. Dados, Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 54, no 3, 2011, pp. 307 a 354, 2011.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2013.

LEITE, Elaine de Silveira. **Reconversão de Habitus: O advento do ideário de investimento no Brasil**. Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos, 2011.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. Colaboradores José Augusto de Souza Peres ... (et al.). 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SCHUDSON, Michael. **The sociology of News**. USA: Norton & Company, 2011.

TOURAINÉ, Alain. **Após a crise: a decomposição da vida social e o surgimento de atores não sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO. **Ações do governo para reduzir os efeitos da crise**. Versão simplificada das contas do Governo da República. Exercício de 2009. Disponível em <<http://goo.gl/ie7dp0>>. Acesso em 12/06/2015.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Volume 1**. Brasília: Universidade de Brasília, 2012

_____. **A bolsa**. Lisboa: Relógio d'água editores, 2004.

ZALOOM, Caitlin. **Out of the pits. Traders and technology from Chicago to London**. The University of Chicago Press, 2010.